

## **GLOBALIZAÇÃO, MERCADO E NEOLIBERALISMO**

É de todos conhecido o fenómeno da globalização da economia mundial. O fenómeno tem por base a crescente integração das economias que operam nos diversos territórios mundiais, o comércio mundial de bens e factores de produção, a internacionalização das empresas, que são cada vez mais multinacionais, e a conseqüente diluição da identidade nacional e/ou operativa das mesmas. O fenómeno não tem sido isento de sobressaltos, dadas as implicações sociais e ambientais negativas que tem tido nos diversos territórios mundiais e dada a ausência de regulação política mundial do mesmo. A referida regulação é ainda muito baseada na lógica dos Estados Nação e dos respectivos egoísmos. O fenómeno exige regulação mundial efectiva e democrática, regulação que resulte da concertação das vontades dos cidadãos das diferentes regiões do mundo e/ou dos Estados que deles devem emanar.

A presente globalização é complexa e tem as suas perversões. Na União Europeia (UE) fecham-se as fronteiras ao trabalho imigrante e assiste-se à emigração do capital. Produtos baratos, que resultam das produções de empresas que se deslocalizaram, invadem os mercados europeus. Os europeus, assustados, dão corpo ao revivalismo de nacionalismos cegos, que alguns acreditavam definitivamente enterrados no velho continente. E assim, também por más razões, os franceses rejeitaram o Tratado para uma Constituição Europeia. Com este pano de fundo, o presidente do Banco Central Europeu (BCE) acha que os milhões de europeus estão preocupados com a inflação. Com a inflação?!... As missões do BCE estão mal especificadas. Eleger o controlo da inflação como a prioridade das prioridades é uma decisão política.

A Democracia ainda não é universal. Estamos ainda longe de converter a Organização das Nações Unidas (ONU) numa União Mundial que constitua o centro da regulação

política da globalização, representativa de uma vontade política democrática mundial (um Homem um voto), e de tornar instituições mundiais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio, etc., o corpo administrativo necessário à execução das referidas políticas de regulação, sujeito ao dito centro político de regulação que seria a ONU. E assim vivemos uma situação de mercados globais cheios de falhas, sem concertação política mundial que corrija as ditas falhas e/ou assuma, sempre que necessário, a possibilidade de sacrificar riqueza, em nome de valores mundiais mais elevados, como a erradicação da pobreza e a protecção do ambiente. Em nome de equidade em sentido lato e não só.

A concentração dos recursos mundiais em poucas mãos não vai só contra a equidade mundial. É impeditiva de eficiência económica, pelo poder fazedor de preços que coloca nessas mãos. A presente globalização tem sido mais caracterizada pela ausência do mercado livre do que pela sua presença, por falhas de mercado, entre as quais, falhas de competição ou concorrência (que se caracterizam pela existência de poder fazedor de preço de alguns), com sacrifícios óbvios de riqueza mundial e sem contrapartidas positivas sociais e ambientais, muito pelo contrário. O Neoliberalismo que a suporta não é pró mercado livre. Ao invés, prefere o mercado imperfeito ao regulador perfeito. É mais perito em extrair valor do que em gerá-lo.

Leonardo Costa

Porto, 16 de Janeiro de 2006